



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

VASCO ANAXÍMNES CASIMIRO MENUT

REPRESENTAÇÃO DA ÁFRICA NO TELEJORNALISMO
BRASILEIRO:
ANÁLISE DAS NOTÍCIAS NO JORNAL NACIONAL E
JORNAL DA RECORD

SALVADOR

JUNHO DE 2010

VASCO ANAXÍMNES CASIMIRO MENUT

REPRESENTAÇÃO DA ÁFRICA NO TELEJORNALISMO

BRASILEIRO:

ANÁLISE DAS NOTÍCIAS NO JORNAL NACIONAL E

JORNAL DA RECORD

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Costa da Conceição

SALVADOR

JUNHO DE 2010

*Compreender a história e as culturas africanas pode ser a diferença
entre escolher e conviver versus recusar e discriminar.*

“V. A. C. Menut”

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Emílio Sariot Menut, pelo alento e motivação. Á minha mãe Helena Casimiro, por acreditar sempre, pelo apoio, paciência e carinho. Aos meus irmãos Anaximandro Zyléne C. Menut, Ludwig C. C. Menut e Zyhelca A. C. Menut pelo apoio e amizade.

À Aissato Seidi (Aida), pelo amor, amizade e excelente companheirismo.

À Família Casimiro e Menut, primos, tios e avós, pelo grande incentivo.

À Maria Reis Campos, pela atenção, orientação, amizade e ajuda.

À Professor Fernando Conceição, pela orientação e os ensinamentos.

À Rosalino Sanca (Mammy), pelo apoio e amizade.

À Organização Los Turkus, pelo amor, amizade e motivação fenomenal.

À Detoubab Injai, pela amizade e orientação.

A Daiane Vasconcelos, Adriana Selma, Paula Boaventura, Sara Manera, Aguirre Peixoto, Leonardo Bastos, José Nilton Ferreira, Wanderson Pimenta, Ledson Chagas e a todos os amigos brasileiros pela amizade.

À Augusto Cardoso, pelas conversas e dicas.

À todos aqueles que me receberam tão bem em Salvador/Bahia - Brasil.

RESUMO

O presente trabalho analisa as notícias sobre o continente africano veiculadas nos principais telejornais do Brasil, “Jornal Nacional” da Rede Globo e “Jornal da Record” da Rede Record, no período compreendido entre 2008 e 2009, a partir das fontes de informação vistas durante o curso e as indicadas pelo orientador. Para tanto, procurou-se, nesta análise, pontualizar e relevar os aspectos jornalísticos e históricos dos dois telejornais de grande audiência e influência na formação da opinião pública no país, diante de eventos relacionados ao continente africano, verificando a importância ou não dada, o aprofundamento do tema, a coerência, o interesse e consequente construção das imagens, por conseguinte, identificar os elementos representativos da África nestes dois telejornais supracitados.

Palavras-chave: telejornalismo, representação, continente africano, construção de imagem

ABSTRAT

The present work analyzes the information on african continent propagated in the principal Brazil broadcasting stations, Jornal Nacional from Rede Globo and Jornal da Record from Rede Record, between 2008 and 2009, from the sources of information gathered during the course and the indicated ones by the orientator. Howercer, it one searched, in this analysis, to pontualize and reveal the journalistic and historical aspects of the two broadcasting stations of great audience and influence in the formation of public opinion in the country, ahead of events related to african continent, verifying the importance or unnecessariness, the deepening of the subject, the coherence, interest and consequent construction of the images, hence, to identify the representative elements of Africa in these two above-mentioned broadcasting station..

Word-key: broadcasting station, representation, african continent, construction of image

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
1.1 Justificativa.....	11
1.2 Objetivos	12
2. Metodologia.....	13
3. Obejeto: O Brasil, uma história.....	15
3.1 História da Televisão.....	15
3.2 Televisão e Telejornalismo no Brasil.....	16
3.3 Modelo Americano no Telejornalismo Brasileiro	17
3.4 Rede globo de Televisão	19
3.4.1 Jornal nacional - JN.....	21
3.5 Rede Record de Televisão.....	22
3.5.1 Jornal da Record - JR	24
4. Fundamentação Teórica	27
4.1 Critérios de Noticiabilidade	29
4.2 Mídia e Política no Brasil	31
4.3 A África que estamos a falar	32
5. A África que o Brasil viu	35
5.1 Jornal Nacional	35
5.2 Jornal da Record	36

5.3 Regime de Verdade e Discurso Hegemônico	37
6. Conclusão: A Representação da África	41
Referências bibliográficas	46
Websites:	48

1. INTRODUÇÃO

Diante da experiência em elaborar um projeto com vista ao trabalho de conclusão de curso, a escolha de uma área de interesse torna-se um processo confuso, inseguro e difícil de concretizar. E este projeto não escapou dessa insegurança.

Ao longo dos quatro anos de faculdade, pude ter acesso às diversas mídias do país em que se pratica o jornalismo: impresso, radiofônico, televisivo e digital e, desde o início do curso, sabia que me definiria com alguma dessas áreas práticas. Ao delimitar o meu projeto, acabei por restringir a área do meu interesse pessoal às possibilidades viáveis para elaborar, desenvolver e terminar o trabalho de conclusão do curso, buscando combinar tanto questões profissionais quanto gostos pessoais. Portanto, o tema do trabalho é: *Representação da África no Telejornalismo Brasileiro: Análise das Notícias no Jornal Nacional e Jornal da Record*.

Partindo da premissa de que a identidade é produzida da relação do eu com o outro, entendemos que a identidade é construída socialmente, em uma relação de co-produção. Nossas representações recebem influência e se consolidam a partir das opiniões externas, da negociação com o outro. Para entender o que é ser africano é preciso ter capacidade de perceber como o outro vê o africano e de que forma o africano é representado. A importância dos meios de comunicação de massa na construção das identidades e de representações se dá na medida em que são eles que organizam e delegam importância aos relatos do cotidiano. São as emissoras que decidem quem terá maior destaque na mídia, e ter destaque, em uma sociedade permeada pelos aspectos de difusão globalizada, significa não apenas ser visto, mas construir uma gama de representações que serão reproduzidas em um sistema de hegemonia.

Como estudante de comunicação, sobretudo estrangeiro, o acompanhamento das notícias internacionais, principalmente as sobre o continente africano, me chamavam muita atenção pela forma que são apresentadas, e assistir os telejornais passou a fazer parte do meu cotidiano em busca de informações locais, da África e do mundo, sobretudo dos países de língua oficial portuguesa. Percebendo que são poucas as notícias, ou quase nenhuma, sobre os países da África em relação ao resto do mundo e, conversando com os colegas estudantes

no Brasil, oriundos de diferentes nações da África, que alegavam a falta de informação/notícias sobre o nosso continente, fui estimulado a escolher este tema e fazer um estudo sobre as notícias atinentes ao continente africano, identificar os elementos representativos da África no telejornalismo brasileiro.

Como objeto de estudo, deliberamos os telejornais: *Jornal Nacional* e *Jornal da Record* por motivos de audiência e importância nacional, respectivamente abrangendo algumas edições de 2008 a 2009.

Através deste estudo, pretendemos contribuir para uma compreensão das particularidades da cobertura jornalística sobre o continente africano nas diversas edições “internacional”, indo além das temáticas mais destacadas como conflitos, epidemias e miséria, nas edições de dois entre os principais telejornais brasileiros: JN e JR.

Neste andamento, buscamos ouvir alguns africanos residentes no Brasil em diferentes estados, procurando saber as suas opiniões referentes às notícias sobre o continente africano e suas relações com este meio potente, a televisão, especificamente os telejornais da Rede Globo e da Rede Record. Concluído o trabalho, como não poderia deixar de ser, pelas opiniões acolhidas, nossas indagações só se ampliaram. Perante tantas outras questões levantadas, partimos para outra proposta de investigação. Desta vez, deslocando o percurso de entendimento e procurando analisar o dito a partir do mundo proposto no interior das TV's.

Para compreender o modo como os paradoxos da realidade televisiva brasileira se realizam, o presente estudo procurou inserir-se no campo das práticas analíticas que atuam na análise de processos representativo-simbólicos. Estas metodologias tencionam analisar as operações de técnicas movimentadas pelo campo midiático, em particular pela televisão, para produzir valores, condutas, visões de mundo, práticas sociais, as quais tentam propor aos sujeitos tele-leitores configurações através das quais devem olhar para o mundo. Especificamente, procuramos analisar os mecanismos que o JN e JR utilizam para representar o continente africano.

A questão de fundo continuou a mesma, o tratamento de supressão da África no interior de uma sociedade cujo traço característico é apresentar através da mídia, saídas para a exclusão, entrincheirando-se em representações fundadas no desespero, no otimismo, em um devir promissor.

Afinal de que TV's estamos a falar? Em primeiro lugar atendemos nosso olhar em direção àquelas TV's abertas aos segmentos socialmente desprivilegiados, posto que, as chamadas "TVs alternativas" alcançam ainda um universo bastante limitado de telespectadores. Em segundo lugar, deslocamos nosso olhar em direção àquelas que são as emissoras de maior abrangência do ponto de vista não apenas numérico, mas também de vigor simbólico: a Rede Globo de Televisão e a Rede Record de Televisão.

Fez-se necessário, ademais, escolhermos um determinado gênero televisivo entre tantos de enorme repercussão na configuração de um imaginário brasileiro. Perante tantas possibilidades, escolhemos o telejornal. Diversos outros gêneros poderiam ser tomados como centro de análise, os documentários, os programas humorísticos, as telenovelas, os programas de auditório e tantos outros. Nossa opção, no entanto expressa um desejo de compreender um dos gêneros que melhor representa na televisão a intenção de mostrar a realidade, de dizer sobre o mundo, o que, para nós, significaria uma oportunidade ímpar de analisar as formas de aprofundamento dos fatos que, em um primeiro momento, tenderiam a aproximar-se de um mundo "real", resultando assim na escolha do telejornal.

Tendo em vista estas exposições, sustentamos o pressuposto de que o campo midiático não se constitui apenas como um espaço de "mediação" do mundo, mas um espaço de construção discursiva do mundo, daí porque iniciamos nossa reflexão procurando discutir o processo histórico que possibilitou à mídia ocupar, hoje, a nosso ver, o status do mais importante espaço de representação da realidade. E, concomitantemente, procuramos entender neste trabalho "a África" que é apresentada ao Brasil pelos principais telejornais de rede das Tv's Globo e Record.

1.1 JUSTIFICATIVA

A escolha por uma análise das notícias sobre o continente africano, veiculadas nos dois dos principais telejornais do Brasil: Jornal Nacional e Jornal da Record, é relevante na medida em que apresentam uma “visão estrangeira” sobre os acontecimentos africanos, percebidos através de um pesquisador capaz de criticar positiva e/ou negativamente as notícias especificadas e pela ligação histórica entre o Brasil e África, ligação esta que vai muito além da inegável herança africana, que pode ser sentida nas mais diversas manifestações culturais do povo brasileiro, seja na religião, na culinária ou na música. É muito mais que isso: a África está presente na própria constituição do povo brasileiro. Se há certos traços capazes de caracterizar um povo, não pode haver dúvidas de que o povo brasileiro não seria o que é sem que o espírito da mãe África habitasse o seu corpo. Nesse caso, pretende-se identificar os elementos representativos da África, a partir do telejornalismo das TVs Globo e Record.

As características mais evidentes do noticiário internacional desses telejornais, tais como superficialidade, generalização e sobre tudo a padronização informativa, ou seja, “pautas” uniformes a tudo quanto se relaciona ao tema África, estimulam uma análise em busca de verificar o quanto é interessante aos telejornais e ao público brasileiro, obter informações mais específicas, densas e verídicas sobre o continente africano nas mais diversas edições - política, economia, cultura, desporto e social – indo além das notícias sobre conflitos e misérias.

A escolha dos telejornais, Jornal Nacional e Jornal da Record, justifica-se por serem edições de abrangência nacional. Acreditamos que uma análise deste gênero, além de satisfazer questões pessoais, tende a despertar interesse de estudantes e profissionais da área, principalmente africanos, em ter conhecimento de como o continente é visto jornalística e socialmente a partir de um olhar ocidental ainda generalizante. Neste trabalho buscaremos relatar minimamente a experiência de ver a África de fora, mas, sobretudo interessado em compreender as particularidades desta cobertura do ponto de vista dos princípios básicos do bom jornalismo.

1.2 OBJETIVOS

- **Objetivo Geral**

Identificar os elementos representativos da África, a partir do telejornalismo das emissoras Rede Globo (Jornal Nacional) e Rede Record (Jornal da Record).

- **Objetivos Específicos**

Verificar importância, aprofundamento, interesse e critérios de noticiabilidade internacional nas edições dos principais telejornais brasileiros;

Analisar a imaginação jornalística brasileira a respeito do tema “África” a partir das notícias veiculadas nestes telejornais;

Identificar as semelhanças e prioridades para os dois telejornais brasileiros referente ao continente africano.

2. METODOLOGIA

Foi feito um estudo retrospectivo do papel da televisão no Brasil com ênfase no período de 2008 até 2009. Os métodos adotados foram: o histórico e o comparativo. O primeiro defende a idéia de que os acontecimentos e a vivência social são reflexos do passado histórico. Ao investigar fatos, instituições e processos passados é possível verificar sua influência no modo de vida da sociedade atual. Logo é fundamental o estudo do passado do país para poder contextualizar seu presente e analisar as informações de maneira a refletir sobre o modelo de sociedade e, por conseguinte, de comunicação adotado no Brasil.

Foi realizada uma pesquisa e coleta dos vídeos especificados, posteriormente a seleção das notícias sobre o continente africano, concomitantemente, com a leitura da bibliografia indicada para embasar a análise pretendida.

Em seguida, constou de uma pré-análise das notícias selecionadas, buscando caracterizar o objeto de estudo. Nessa etapa, verificam-se pontos positivos e pontos negativos das notícias em Jornal Nacional e Jornal da Record, em consonância com os objetivos específicos deste trabalho.

No que tange aos procedimentos de coleta de dados para pesquisa, foram utilizados tanto dados bibliográficos quanto dados documentais. Foram necessários dados bibliográficos sobre a história do Jornal Nacional e do Jornal da Record, sobre as notícias internacionais e o modo como estes telejornais realizam as coberturas nos outros países. Além disso, foi necessária a atualização com a bibliografia relativa às teorias do jornalismo e da comunicação.

Quanto aos dados documentais, referem-se especialmente às matérias veiculadas por estes dois telejornais. Algumas matérias levadas ao ar pelo Jornal Nacional e Jornal da Record são disponibilizadas nas suas respectivas páginas na Internet. Isso possibilitou a coleta de dados documentais “registro das notícias” para análise.

De posse dos dados coletados, tanto bibliográficos quanto documentais, foi feita a catalogação e classificação desses para que se possam identificar os períodos em que as

características das notícias selecionadas na hipótese se apresentam com mais veemência e das ocasiões em que não se demonstram de forma tão evidente.

Por último, redigiu-se o trabalho monográfico, relacionando as etapas, buscando chegar numa análise sistemática e representativa. É válido ressaltar que não houve uma busca por confronto direto entre as notícias de Jornal Nacional e Jornal da Record de forma a evidenciar se as notícias veiculadas em uma edição foram ou não dadas no outro. A escolha de dois telejornais tende a uma necessidade metodológica de diversificar o objeto do estudo com o intuito de verificar as diferenças na cobertura jornalística sobre um determinado país e identificar os elementos representativos da África em telejornais brasileiros.

3. OBJETO: O BRASIL, UMA HISTÓRIA

3.1 História da Televisão

Assistimos, desde as primeiras décadas deste século, a um extraordinário desenvolvimento tecnológico, o qual atinge a própria base interna do sistema capitalista, levando às últimas consequências a abstração da mercadoria e das relações sociais, das formas de reconstrução da realidade, através, sobretudo, da explosão das comunicações. A televisão surge, na contemporaneidade, como um dos mais sofisticados meios de comunicação das sociedades tecnologicamente mais avançadas. Sua invenção é um dos resultados de uma série de pesquisas desenvolvidas desde finais do século XIX. Em seus primórdios, aparece como empresa autônoma e nos anos 30 impõe-se como modelo institucional complexo, dirigido a um público cada vez maior e massificado e cujo centro propulsor são os Estados Unidos. (Giovannini, 1987)

Desde o início, grandes empresas privadas travam entre si uma luta competitiva para acelerar o desenvolvimento e beneficiar-se do novo sistema de comunicação, no entanto o avanço com relação à transmissão entre longas distâncias de imagens em movimento é uma conquista de governos, do setor público. A Alemanha, já em 1928, realiza suas primeiras experiências públicas de transmissão do novo invento. A Inglaterra obteria o mesmo êxito em 1929, a Itália em 1930 e a França em 1932. A Inglaterra saiu na frente até mesmo dos Estados Unidos, quando em 1936 inaugura um serviço regular de TV.

Segundo Giovannini, apesar das bem sucedidas experiências em diversos países europeus, será o modelo americano o mais expansivo. Um dos motivos do rápido avanço do sistema televisivo dos Estados Unidos é o seu domínio do mercado cinematográfico em todo o mundo, uma vez que o cinema é a primeira arte industrial e consolida-se como uma usina milionária de entretenimento. Além disso, a poderosa indústria americana de componentes tecnológicos, bem como uma mentalidade técnico-organizacional, voltava-se para a criação e gestão dos novos produtos da indústria do lazer.

Até a primeira metade da década de 50 a Europa apresentava dois modelos de TV distintos entre si: de um lado, o modelo inglês, o qual defendia a autonomia da TV enquanto entidade

pública com relação às exigências comerciais e mesmo às pressões do Estado; de outro, o governo da então União Soviética, cuja marca era a fidelidade irrestrita ao Estado. Nenhum dos dois modelos sobreviveu. Enquanto a publicidade televisiva de bens e serviços privados penetrou o serviço de TV pública, a degradação dos Estados autoritários fez a TV a estes subordinadas acompanhar as mudanças históricas.

3.2 Televisão e telejornalismo no Brasil

A televisão chegou ao Brasil em 1950, graças ao empreendedorismo de Assis Chateaubriand, dono dos Diários e Emissoras Associadas, grupo de comunicação que já incluía emissoras de rádio, jornais impressos e agências de notícias. De acordo com Paternostro (1999, p.28), Chateaubriand “decidiu trazer os técnicos norte-americanos da RCA para implantar a televisão no Brasil. Importou também os equipamentos; uma antena foi instalada no alto do edifício do Banco do Estado de São Paulo para retransmitir as imagens que viriam dos estúdios montados no prédio dos Diários Associados. Segundo a autora, a inauguração oficial da primeira emissora de TV no país ocorreu no dia 18 de setembro de 1950, ano em que entrava no ar a PRF-3 TV Difusora que, mais tarde, se transformou na TV Tupi de São Paulo, emissora pioneira na América Latina.

Em seu primeiro semestre de existência, a TV Tupi possuía cinco horas de programação diária, segundo Paternostro (1999). Das 18 às 23h, a programação incluía filmes, espetáculos de auditório e noticiário. No final da década de 1950, já funcionavam as seguintes emissoras: TV Tupi (1950), Paulista (1952) e Record (1953) em São Paulo; Tupi, Rio (1955) e Excelsior (1959) no Rio de Janeiro e Itacolomi (1956) em Belo Horizonte e na Bahia (1990).

Wander Veroni Maia (2007) diz que a notícia na televisão, antes de se consolidar como telejornalismo, absorve a experiência e profissionais da imprensa escrita e radiofônica. A partir da década de 1980, a televisão começa a se estruturar e definir sua linguagem e expressão.

O primeiro telejornal da TV brasileira, de acordo com Paternostro (1999), foi Imagens do dia que estreou no mesmo ano em que nasceu a TV Tupi de São Paulo, em 1950. Com estilo textual herdado do rádio e locução em off, Rui Resende, que era produtor, locutor e redator das notícias, apresentava as notas de imagens gravadas sem som e em preto e branco, gravadas muitas vezes em película. O noticiário durou aproximadamente um ano, quando deu lugar ao Telenotícias Panai, que também durou pouco tempo. Um dos primeiros telejornais a fazer sucesso na TV foi o Repórter Esso, na TV Tupi de São Paulo, que ficou no ar entre 1953 a 1970.

No início da TV Aberta, os anunciantes geralmente colocavam o nome da empresa nos programas patrocinados, como é o caso do Repórter Esso, lançado em 17 de junho de 1953, em São Paulo, dirigido e apresentado por Kalil Filho. Pontualmente, às 20h, entrava no ar a famosa abertura do noticiário: “Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história”. O telejornal ganhou uma versão carioca no ano seguinte apresentada por Gontijo Teodoro. A partir daí, de acordo com Paternostro (1999), o telejornalismo começou a esboçar linguagem e narrativa própria: texto mais objetivo, apresentador enquadrado no plano americano, preocupação editorial no tratamento das notícias e horário fixo para entrar no ar.

3.3 Modelo Americano no Telejornalismo brasileiro

Os embasamentos do telejornalismo brasileiro se reproduziram no modelo norte-americano de fazer televisão, principalmente no modo de apresentação e produção das notícias. Segundo Coutinho (2003), o modelo americano de formação de pessoal e capacitação profissional da Rede Globo, por exemplo, teriam sido inspirados das experiências das emissoras de TV dos Estados Unidos.

Citado por Coutinho (2003), Squirra, detalha essa influência do modelo americano no telejornalismo brasileiro: Na área do telejornalismo eletrônico, o padrão norteamericano sempre foi clara e naturalmente seguido. Tanto na confecção do noticiário, quanto no formato do programa, no estilo e mesmo nos equipamentos periféricos usados na elaboração dos telejornais.

Silverstone, citado por Coutinho (2003), diz que há centralidade da televisão na cultura americana. Para ele, “uma parte significativa da cultura televisiva consiste em oferecer estórias simples, facilmente reconhecíveis, reiteradas de forma contínua e semelhante em forma e conteúdo [...]” .

Citado por Coutinho (2003), Schudson, comenta que “nenhum repórter apenas apresenta os fatos. Repórteres constroem estórias e, construir não é fingir, nem mentir, embora também não seja um processo de registro mecânico passivo. É um processo de que não pode ser feito sem imaginação”.

Uma característica interessante da TV, apontada por Coutinho (2003), é que os acontecimentos possuem “início-meio-fim” e são reconhecidos como drama e, portanto, imediatamente noticiáveis, transformados em pauta para os jornalistas.

Epstein, citado por Coutinho (2003), menciona sobre cinco modelos ou modo de organização da informação na TV, conforme o quadro a seguir:

Modelos de organização da informação da TV:

Modelo dialético: Cada notícia deve seguir o formato ponto contraponto em que deve ser apresentado o pró e contra da estória, com os repórteres realizando uma síntese ao final do relato.

Modelo irônico: Quando não é possível apresentar esse balanceamento de opiniões, esse modelo possui elaboração textual com ironias e brincadeiras, devendo ser evitada a adoção de posturas polêmicas.

Pacote nacional: Duas estórias locais deveriam ser colocadas juntas, celebrando uma fusão, para usar um termo de edição de imagens, que adicionam um caráter nacional ao produto informativo.

História de ação: Deve ter uma narrativa noticiosa a partir do posicionamento dos personagens/grupos sociais envolvidos na matéria e que possuem idéias diferenciadas.

Modelo de nostalgia: Através de narração do repórter ou locutor, entrevistas e/ou edição de imagens, a estória é contada em termos de conflitos de valores. Em outras palavras, no

telejornalismo americano e, de forma mais específica, nos noticiários de rede, o significado seria definido pela forma ou linha de construção da estória.

O padrão de telejornalismo americano causou uma inovação na linha editorial e na apresentação das notícias, no estilo, linguagem e a figura narrativa do repórter de vídeo importadas desse novo contexto.

Citado por Coutinho (2003), Squirra, argumenta que a edição é uma importante forma de organizar a informação dentro de um contexto de limite temporal - geralmente, um minuto e meio para cada matéria, e de atrair a atenção do público. "No telejornalismo, a forma empregada e dita no senso comum das redações como correta, é aquela que conta história na sequência lógica, crescente, clara e [...] no tempo certo".

Coutinho (2003) comenta que apesar das críticas constantes que as outras mídias fazem a TV Globo, principalmente, pelos seus critérios editoriais de noticiabilidade e a superficialidade do seu telejornalismo, os repórteres desta emissora, em geral, servem de referência de qualidade no Brasil.

3.4 Rede Globo de Televisão

A TV Globo foi criada em 26 de abril de 1965. Assim, entrou no ar o canal 4, a TV Globo do Rio de Janeiro, o que originou, futuramente, a formação da Rede Globo de Televisão. De acordo com o site da emissora, em 2008, a TV Globo cobre 99,84% dos 5.043 municípios brasileiros, entre 113 emissoras geradoras e afiliadas. Foi pioneira nas transmissões internacionais e imprimiu um padrão de qualidade à televisão brasileira.

Com o sistema de transmissão via Satélite - Intel Sat, a TV Globo iniciou a operação em rede no Brasil, em 1969, com o Jornal Nacional. Também foi a primeira emissora a implantar a TV em cores no Brasil, em 1972. Já em 1975, a emissora começou a transmitir uma programação nacional, padronizada e oriunda do Rio de Janeiro. O PROJAC - Centro de Produção da Globo, em Jacarepaguá, segundo dados da TV Globo, é o maior centro de

produção da América Latina e conta no total com 1,3 milhões metros quadrados, dos quais 120 mil de área construída, que contém estúdios, módulos de produção e galpões de acervo.

Com uma programação variada, a TV Globo exhibe e produz: telenovelas, minisséries, especiais, shows, humorísticos, musicais, eventos e noticiários. Conforme dados da emissora, ao todo, são 4.420 horas de produção própria por ano. Atualmente conta com cerca de oito mil funcionários, sendo mais de quatro mil envolvidos diretamente na criação dos programas: autores, diretores, atores, jornalistas, cenógrafos, figurinistas, produtores, músicos e técnicos.

Segundo o site da TV Globo, os telejornais da emissora são assistidos por cerca de 80% da população brasileira. A TV Globo possui cinco horas diárias de telejornalismo ao vivo, em nove telejornais, cinco deles de rede.

Desde 2005, a TV Globo tem uma forte concorrente: a TV Record. Financiada pela Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, a TV Record, sob o slogan "a caminho da liderança" vem conseguindo se firmar na vice-liderança absoluta no horário nobre, segundo dados consolidados do Ibope, da Grande São Paulo. A partir daí, a TV Record inflacionou salários ao contratar jornalistas, artistas e técnicos consagrados na TV Aberta. Isso obrigou a Rede Globo a bancar renovações de contrato antes da hora e com valores maiores também.

Estima-se que, nos últimos dois anos, a IURD injetou R\$ 500 milhões na Record, através da compra dos horários para a Igreja Universal. A Record contratou diversos artistas, principalmente vindos da Rede Globo, e reativou seu núcleo de teledramaturgia. Com a novela "Prova de Amor", aproveitando o fiasco de "Bang Bang", encostou-se ao "Jornal Nacional" e chegou a liderar empatado com o jornalístico, com médias superiores a 20 pontos. A novela teve custo de R\$ 80 mil por capítulo. Já em "Cidadão Brasileiro", que terminou no final de novembro de 2006, foram R\$ 150 mil por capítulo.

De acordo com o site Tele História, a TV Globo perdeu sua hegemônica liderança na audiência em alguns momentos da sua trajetória: em 1990, quando a TV Manchete exibiu Pantanal; em 1991, na telenovela infanto-juvenil Carrossel, no SBT - fato que aumentou o tempo de duração do Jornal Nacional de 30 para 50 minutos; em 2001, na estréia do reality

show Casa dos Artistas, baseada no formato do Big Brother, criado pela produtora holandesa Endemol, com direitos comprados pela TV Globo. “Tal fato derrubou a audiência do Fantástico, chegando a atingir 50 pontos contra apenas 15 da tradicional revista eletrônica. Dias após o término do programa, foi lançado o Big Brother Brasil, que já chegou à décima edição”. Em 2007, segundo o jornal Folha de São Paulo, a TV Record incomodou a audiência da TV Globo, em duas quartas-feiras seguidas do mês de janeiro/2007, com a novela Vidas Opostas, exibida na faixa das 22h.

3.4.1 Jornal Nacional - JN

O Jornal Nacional – JN estreou no dia 1 de setembro de 1969, sob a apresentação de Cid Moreira e Hilton Gomes e com duração de meia hora. Com apenas quatro anos de vida e em fase de amadurecimento, a TV Globo apostou no novo sistema de microondas da Embratel e fez o primeiro programa simultaneamente transmitido para várias cidades brasileiras.

A TV Globo lançou o primeiro programa em rede nacional: às 19h56 do dia 1 de setembro de 1969 entra no ar o Jornal Nacional, feito no Rio e transmitido ao vivo, via Embratel, para as emissoras da rede, mostrando imagens de várias cidades brasileiras que haviam sido geradas para a sede no Rio de Janeiro, via satélite. (PATERNOSTRO, 1999, p.31-32).

Na década de 1980, o JN começou a apresentar um grande número de material investigativo e aumentou sua duração para 40 minutos. O jornal teve diversos apresentadores entre eles: 1971 - Cid Moreira e Ronaldo Rosas; 1972 - Cid Moreira e Sérgio Chapelin; 1983 - Cid Moreira e Celso Freitas; 1989 - Cid Moreira e Sérgio Chapelin; 1996 - William Bonner e Lilian Witte Fibe; e desde 1997 - William Bonner e Fátima Bernardes.

O JN é pioneiro na história do telejornalismo brasileiro por ser o primeiro telejornal de rede na TV Aberta. Com matérias de até um minuto e meio, uma edição que relaciona um assunto de uma matéria à outra, plano médio nos apresentadores e a utilização de corte seco, o que dá agilidade na fala de cada apresentador, o JN é o telejornal que possui mais tempo no ar: 40 anos.

Atualmente exibido de segunda-feira a sábado, das 20h15 às 20h55 e com uma média de 35 pontos diários de audiência, o Jornal Nacional ainda é um dos programas mais assistidos da televisão brasileira, segundo o Ibope. Os idealizadores do telejornal foram Alice Maria – diretora da Globo News, e Armando Nogueira.

No começo dos anos 1990, a previsão do tempo começou a ser apresentada pela "Moça do Tempo". A primeira foi Sandra Annenberg. Em 1992, após 23 anos no ar, pela primeira vez uma mulher apresentou o jornal: Valéria Monteiro, que comandava o Jornal Hoje e já havia passado pelo Fantástico, foi ao ar junto com Cid Moreira. Depois dela vieram Sandra Annenberg, Ana Paula Padrão, Mônica Waldvogel, Lilian Witte Fibbe, Carla Vilhena e Fátima Bernardes.

A trilha sonora da vinheta de abertura e escalada do JN foi alterada por uma versão acústica, mais lenta, na edição de 2 de abril de 2005, quando foi anunciada a morte do Papa João Paulo II. A trilha original voltou no dia 9 de abril, após a cobertura do enterro. Os temas de escalada e abertura (trilha sonora) foram alterados também na edição de 19 de abril de 2005, quando Joseph Ratzinger foi eleito Papa, tornando-se Bento XVI. Da mesma forma dita anteriormente, foi executada uma versão clássica da trilha e, no dia seguinte, voltou-se ao tema anterior.

3.5 Rede Record de Televisão

A TV Record estreou no dia 27 de setembro de 1953, às 20 horas. A primeira atração exibida foi um programa musical apresentado por Sandra Amaral e Hélio Ansaldo. Naquela época, só havia a TV Tupi como concorrente. Equipada com o que havia de mais avançado, a emissora logo causou impacto na imprensa. De acordo com o site da TV Record, nos primeiros anos, ela dedicou-se a programas musicais como Grandes Espetáculos União, apresentado por Blota Jr. e Sandra Amaral. Investiu também em telejornais e na programação esportiva. Nessa área, podemos destacar o Mesa Redonda, criado em 1954 e apresentado por Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara, programa que fez escola na televisão, e as transmissões ao vivo das partidas de futebol e das lutas do Campeonato de Pugilismo.

Atualmente, a Rede Record cobre 98% do território nacional e possui cinco emissoras próprias (nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília - DF, Minas Gerais e Pernambuco) e 92 afiliadas/repetidoras no restante do país. Foi a primeira emissora a transmitir, ao vivo, o Grande Prêmio de Turfe do Brasil, em 1956, direto do Jockey Clube do Rio de Janeiro.

Em 2000, a TV Record reformulou a sua programação. Começou a investir em teledramaturgia e em telejornalismo, contratando profissionais de destaque no mercado, principalmente, profissionais que atuavam na TV Globo, tanto da área técnica, quanto artistas. O ano de 2005 foi marcado pelo crescimento e consolidação da vice-liderança, principalmente no horário nobre, das 18h à meia-noite. Nesse ano, a emissora consolidou-se na teledramaturgia e criou o RecNov – um centro de produções de telenovelas em Várzea Grande, no Rio de Janeiro.

Em 2006, a TV Record atingiu a vice-liderança em faturamento publicitário e audiência, marcando um crescimento histórico na TV aberta brasileira. No dia 31 de janeiro deste ano, entra no ar o novo Jornal da Record sob a apresentação de Celso Freitas e Adriana Araújo. O telejornal, a partir daí, assume uma nova paginação e estrutura editorial, conforme podemos observar no item a seguir.

A emissora vence o Prêmio Caboré, o mais importante da propaganda brasileira, na categoria veículo de comunicação – mídia eletrônica. O jornalismo da TV Record conquista o Prêmio Tim Lopes de Investigação Jornalística com a reportagem que abordou o abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes; fatura o Prêmio CNT com a série de reportagens Brasil Sobre Rodas, exibida no Jornal da Record e é eleita destaque do ano (2006) pela Academia Brasileira de Marketing. Em 27 de setembro de 2007, a Rede Record lança o *Record News* – canal de notícias 24 horas que é transmitido em UHF e em TV Paga.

3.5.1 Jornal da Record - JR

O Jornal da Record – JR surgiu na década de 1980 com o intuito de ser o telejornal de rede da TV Record. Os primeiros apresentadores foram Paulo Markun e Silvia Poppovic. O jornalista Carlos Nascimento esteve à frente do JR entre 1989 e 1990. Em 1993 e 1994, o telejornal foi apresentado por Carlos Oliveira. No dia 07 de maio de 1995, Chico Pinheiro, que era da TV Band, estreou como âncora no JR.

Conforme o site Tele História, no dia 26 de outubro de 1995, a TV Record rescindiu o contrato com Chico Pinheiro. Dias antes, Chico havia declarado à imprensa que a emissora proibia a abordagem de assuntos que não interessavam à IURD. Em seu lugar, assumiu Ney Gonçalves Dias. Posteriormente, Adriana de Castro ficou à frente da apresentação do telejornal.

O telejornal registrou cinco pontos no Ibope em 1996, ano em que houve grande crescimento na audiência do telejornalismo da TV Record. Em junho de 1996, foi contratado o jornalista Boris Casoy - que apresentava o TJ Brasil no SBT desde 1988. A segunda fase começou em dia 14 de julho de 1997 e marca o início de Boris à frente do JR como novo âncora.

Aos sábados, o telejornal era apresentado pela comentarista de economia Salete Lemos. No dia 30 de dezembro de 2005, a TV Record rescindiu o contrato com o jornalista Boris Casoy. Segundo a emissora, Boris saiu porque não concordava com mudanças que estavam sendo realizadas, como a introdução de uma mulher para dividir a bancada com o apresentador e a centralização do jornalismo do canal, já que Boris mantinha independência do restante da equipe. Junto com Boris, deixaram a emissora Salete Lemos – comentarista de economia e apresentadora do telejornal aos sábados e o diretor Dácio Nitrini. Heleine Heringuer, que era repórter e mostrava diariamente a previsão do tempo, assumiu a apresentação do telejornal interinamente em 02 de janeiro de 2006 e comandou a atração até 28 de janeiro de 2006.

A atual fase do JR começou no dia 30 de janeiro de 2006, exatamente um mês após a rescisão do contrato de Boris Casoy.

A TV Record estreou às 20h40 a nova e atual fase do Jornal da Record, livremente inspirado no Jornal Nacional da TV Globo. O telejornal tem apresentação dos jornalistas e ex-globais Celso Freitas, que já foi apresentador do JN e Adriana Araújo, que trabalhava na TV Globo de Brasília - DF.

Segundo comunicado oficial da TV Record, no site da emissora, sobre o JR: A nova versão do principal telejornal da Record vem para oferecer aos telespectadores uma opção informativa cujas principais características são a agilidade na apresentação das notícias, o dinamismo na cobertura dos principais fatos, a produção de reportagens especiais, a elaboração de matérias exclusivas e investigativas e a credibilidade de profissionais experientes e consagrados no jornalismo brasileiro.

Editorialmente, foram feitas mudanças na forma, no ritmo e na paginação do JR. As matérias são mais curtas – em geral um minuto e meio, o que deu mais dinâmica ao andamento do programa. (REDE RECORD. Comunicado oficial sobre o novo Jornal da Record que estreou no dia 30 de janeiro de 2006, São Paulo).

Para montar a nova equipe do Jornal da Record, a emissora contratou profissionais experientes, como os repórteres Lucio Sturm, Abigail Costa, Sylvestre Serrano e Cleisla Garcia, todos da TV Globo – além de Luiz Malavolta, também da concorrente, que assumiu a chefia de produção. A emissora passou a contar com correspondentes em Londres, Nova York, Tóquio e Jerusalém. Valdir Zwetsch, ex- produtor da Globo, passou a ser editor-chefe do telejornal. Para o novo Jornal da Record, a emissora promoveu uma reforma na redação que passou a ser o cenário do telejornal.

A novela Cidadão Brasileiro, que estreou no dia 13 de março de 2006, ocupou o horário do telejornal, que passou a ser exibido, neste dia, a partir das 21h15. No dia 22 de março de 2006, em virtude da novela Cidadão Brasileiro, o Jornal da Record passou a ser exibido em novo horário, das 19h às 19h30. Poucos dias depois, em nova estratégia, foi para às 18h45. Em 2006, após o fim do horário eleitoral a emissora volta a passar o JR das 19h às 19h45, agora com mais 15 minutos de duração.

Com a estréia da novela infanto-juvenil Alta Estação, na faixa das 18h, em outubro de 2006, o JR passou a ser exibido depois do telejornal local, das 19h50 às 20h35. Em março de

2007, com a estréia da novela Luz do Sol, que sucedeu Bicho do Mato, o Jornal da Record começa a ser exibido das 20h às 21h.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Constituição Brasileira de 1988 assegurou como um dos primeiros direitos do cidadão, o de acesso à informação. Mais do que um artigo de lei, o processo de integração do homem ao meio social é se manter informado:

Para considerar-se plenamente cidadão, o homem contemporâneo precisa dispor de fontes informativas que lhe permitam conhecer o que se passa e, em seguida, formar juízo sobre os acontecimentos. **O acesso à informação é fundamental para a vida do homem comum**, já que se trata do exercício da sua cidadania e do pleno usufruto dos seus direitos como integrante da sociedade (SQUIRRA, 1995, p. 140-141).

O jornalismo é um dos principais meios que podem colaborar para se fazer cumprir o direito do cidadão à informação. Instrumento considerado basilar e contundente nas sociedades contemporâneas, o jornalismo é cúmplice direto na garantia, ou não, do exercício do direito à informação.

O controle dos veículos de comunicação é visto como estratégico nas questões políticas e de Estado, por exemplo. Neste contexto, sem dúvida, a televisão, incluindo o telejornalismo, é o meio em que há mais disputa por seu domínio, devido ao elevado grau de abrangência em que atua e por se apresentar como a “principal forma de democratizar a informação” (REZENDE, 2000).

Segundo o autor, pode-se dizer que informar é o grande objetivo da profissão. Como consequência, uma função social costuma ser atribuída ao jornalismo, que, frequentemente, é responsabilizado por difundir informações a um público desinteressado e, muitas vezes, iletrado.

No Brasil, o telejornalismo assume o papel de maior fonte de informação da população como explica Rezende (2000, p. 25): “No caso brasileiro, a TV não é apenas um veículo do sistema nacional de comunicação. Ela desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição de única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população”. Entre as razões apontadas pelo autor para a formação desse panorama estão: a

desigualdade na distribuição de renda, a centralização das emissoras nas mãos de poucos proprietários, o governo ditatorial dos anos 60 e 70, e a baixa instrução educacional do brasileiro, com a presença numerosa de analfabetos funcionais e a falta do hábito da leitura (REZENDE, 2000).

Alguns autores, apesar de não desconsiderarem essa função social dos meios de comunicação, acreditam que a divulgação da informação está comprometida com outros interesses que não os da sociedade. Bourdieu (1997, p. 106) sustenta que “o campo jornalístico está permanentemente sujeito à prova dos veredictos do mercado, por meio da sanção, direta, da clientela ou, indireta, do índice de audiência”. Ele defende que a televisão é o veículo que, atualmente, pauta os demais meios de comunicação, levando a sistemática ação dos profissionais jornalistas a, aparentemente, se confrontarem em busca do “furo”, da informação exclusiva, mas que, na verdade, estabelecem uma cumplicidade que gera a padronização das informações, uniformizadas em todos os níveis; pressionados pelo fator tempo, os jornalistas deixam de pensar, ou pensam por “ideias feitas”; todas as definições são tomadas sob o império da audiência, a imposição do mercado.

Esta visão des-historicizada e des-historicizante, atomizada e atomizante, encontra sua realização paradigmática na imagem que dão do mundo as atualidades televisivas, sucessão de histórias aparentemente absurdas que acabam por assemelhar-se, desfiles ininterruptos de povos miseráveis, seqüências de acontecimentos que, surgidos sem explicação, desaparecerão sem solução, hoje o Zaire, ontem Biafra e amanhã o Congo e que, assim despojados de toda necessidade política, podem apenas, no melhor dos casos, suscitar um vago interesse humanitário (BOURDIEU, 1997, p. 140).

Para Juan Somavia e Rezende, a ligação econômica da mídia jornalística com outras instituições submete a informação às condições de mercado, resultando em uma subtração desta perante as imposições da busca pela audiência. Somavia acredita que “a notícia se transformou em uma simples mercadoria que é vendida segundo a lógica do mercado dominante, e, em consequência, é incapaz de refletir as realidades histórico-culturais e políticas que dão aos fatos real dimensão” (SQUIRRA, 1995).

No ambiente televisivo, o procedimento parece seguir uma direção semelhante, mas com proporções relativamente maiores: a ênfase se dá sobre o telespectador-consumidor. Rezende aplica o raciocínio ao veículo: Sob o controle rígido da ditadura do lucro, os programas e a linguagem que a TV emprega se adaptam, na forma e no conteúdo, ao perfil do público aos quais se dirigem. A fórmula adotada pelo sistema comercial de TV é simples: uma audiência maior aumenta o faturamento publicitário e agrega rentabilidade às empresas de televisão. Tal lógica de produção sacrifica o telespectador-cidadão e exalta o telespectador-consumidor, referência básica de toda essa operação mercantil (REZENDE, 2000).

4.1 Critérios de Noticiabilidade

No meio de diversas ocorrências capazes de virar notícia, a seleção delas é um trabalho que prima pelos critérios de noticiabilidade usados em cada telejornal. Wolf (1999) é o autor que aponta itens que nos servirão de sustentação para a análise do Jornal Nacional – JN (TV Globo) e do Jornal da Record – JR (TV Record). Wolf emite os seus critérios de noticiabilidade independente da mídia a ser analisada.

A tarefa de apontar os destaques de todo o território nacional e internacional é um trabalho intenso e minucioso. Em TV, dois fatores são fundamentais para essa “pré-definição”: a relevância desse acontecimento, seja nacional ou internacional, na sociedade e o tempo do telejornal. No JN, que tem 45 minutos de duração, por exemplo, no período analisado entre janeiro de 2008 a dezembro de 2009, não houve reportagens (acima de três minutos), apenas matérias que variam de um minuto e meio a dois minutos, notas cobertas; Já no JR, que tem uma hora de duração, no mesmo período analisado, as matérias variaram entre um minuto e meio a três minutos, dependendo do caráter de repercussão da notícia. Houve espaço para reportagens, uma espécie de um mini-documentário, onde foi exibida a série de reportagens “África” com duração entre três minutos e meio a cinco minutos.

Para um acontecimento ser transformado em notícia este deverá ter impacto e utilidade para o público, de acordo com Wolf (1999). No JN, observou-se que há uma predominância de notícias generalistas, ou seja, não há uma editoria específica trabalhada no telejornal, mas

sim a cobertura, mesmo que seja pequena dos acontecimentos de destaque nacional e internacional; já no JR, há um maior espaço para a cobertura policial nacional e acontecimentos derivados da violência urbana. A preferência do telejornal são notícias de operações da Polícia Federal e tragédias que sofreram algum tipo de comoção ou repercussão nacional.

Segundo o site Tele História (2006), as notícias exibidas no JN possuem mais visibilidade e um alcance maior de público do que qualquer outro noticiário. Entretanto, tanto o JN quanto o JR realizam a tarefa de repercutir destaques da imprensa no decorrer do dia ou de exibirem, com exclusividade, determinados eventos noticiosos que possam a vir gerar repercussão no dia posterior.

Tanto o JN quanto o JR utilizam-se de fontes oficiais (autoridades, ONGs, entidades de classe, empresas públicas e privadas) e personagens (pessoas comuns que vivem na sociedade: trabalhadores, donas-de-casa, aposentados e estudantes) que ilustram o tema proposto na matéria/reportagem. As fontes oficiais funcionam para mostrar o posicionamento desses órgãos sobre as questões mostradas numa notícia. Já as personagens têm o objetivo de aproximar o telespectador com a realidade apresentada no relato noticioso. Não, necessariamente, uma mesma fonte deu o mesmo depoimento para telejornais diferentes: no JN as fontes oficiais aparecem mais nas matérias de política e como nota pé lida pelos apresentadores. As personagens da notícia aparecem preferencialmente na matéria/reportagem para exemplificar um tema e com depoimentos bem objetivos do acontecimento relatado; já no JR tanto as fontes oficiais quanto as personagens da matéria aparecem sempre dentro da matéria/reportagem, o que não quer dizer que ambas tenham o mesmo tempo. O que assegura um tempo maior ou menor para o depoimento desses dois tipos de fonte é o impacto que essa sonora terá dentro da notícia.

4.2 Mídia e Política no Brasil

Albino Rubim (1994) aponta para o fenômeno contemporâneo da midiática e espetacularização da política. Na sociedade atual, estar na mídia é ter visibilidade social, é ser conhecido e reconhecido como agente social. O lugar da política, hoje, vai além dos seus espaços tradicionais e se instala na mídia. É através dela que os acontecimentos e decisões, enfim a vida política, se torna pública e visível para a população, que depende cada vez mais dos veículos de comunicação para definir o campo político. Hoje para fazer política é fundamental estar na mídia. A esfera pública mudou. É no campo midiático que acontece os processos de sociabilidade contemporâneos e que forçam o homem a se relocalizar no mundo e dentro da sociedade.

A mídia inaugura um novo espaço público de sociabilidade, pois modifica o estar no mundo do homem contemporâneo. O poder da mídia de agendar temas, construir quadros políticos e imagens pessoais e coletivas está subordinado a disputa de forças entre a própria mídia e os representantes do campo político. A política para conseguir ser publicizada se ajusta à forma midiática de difundir a informação. Por outro lado, a política se torna refém da mídia, pois precisa dela para chegar até a população. É possível dizer que existe uma simbiose, uma interdependência entre mídia e política, pois os dois campos sociais se influenciam mutuamente. Segundo Maria Helena Weber, o modo de produção de imagens políticas modificou o modo de fazer política e tudo pode ser relativizado e (des) qualificado quando há cumplicidade e interesses entre mídias e políticos (PIMENTA, 1999). Por perceber o poder da mídia muitos políticos são também proprietários de veículos de comunicação. A adequação das práticas políticas à retórica da mídia não significa que a espetacularização da política seja em si um mal, mas demonstra o caráter midiático da sociedade contemporânea.

A revolução da comunicação permite pensar e viver o espaço e o tempo de maneira diversa do que era no passado. Com o desenvolvimento dos transportes e da tecnologia os meios de comunicação podem colocar em contato com rapidez pessoas que estão em lugares muito distantes. Os limites de tempo e espaço ficam menores, pois as tecnologias como a internet, possibilitam uma vivência real onde as pessoas compartilham o espaço, apesar de virtual e se comunicam em tempo real.

“Trata-se de apelar à intimidade, à personalidade, à vida privada como suporte e garantia da ordem pública. Sob a pressão da imposição dos códigos inerentes à vida privada, os códigos que deveriam orientar a vida pública se esvaem, abalando ou até abolindo a diferença histórica entre o espaço público e o espaço privado.” (RUBIM, 1999)

Segundo Albino Rubim, outra característica da contemporaneidade é o desaparecimento do limite entre o privado e o público e a mídia é responsável por esta promiscuidade. Na modernidade os meios de comunicação atuavam dentro do espaço público, que era bem definido e respeitado. Na contemporaneidade passa cada vez mais a invadir o espaço da vida pessoal dos atores sociais e políticos para apresentar à sociedade a suas intimidades. Cada vez mais o privado se torna público. “Até a política sofre a invasão desenfreada do privado, via mídia, para legitimar o público.” (MATOS, 1994)

Estas características da realidade contemporânea têm em comum a presença transformadora da mídia, que adquire grande poder de manipulação, influência e decisão.

4.3 A África que estamos a falar

Mas como e por que ignorar um território tão grande e populoso? A África é o terceiro continente do mundo em tamanho, só perde para a Ásia e as Américas, o segundo em população, com mais de 800 milhões de pessoas. Apesar de ser rica em notícias e "pautas", a África nunca teve o espaço que merece na mídia brasileira ou telejornais do horário nobre, considerando as referências culturais africanas existentes na cultura brasileira. Apenas tragédias e problemas como fome, epidemias, conflitos étnicos e políticos são divulgados no Brasil, e sempre a partir do olhar de europeus e americanos, ou seja, a partir da visão de países desenvolvidos que têm referenciais bem diferentes dos de Brasil. Parece que o jornalismo brasileiro (ou seriam os empresários da comunicação?) esquece o quanto o Brasil tem pontos em comum com os países africanos e o quanto o povo brasileiro se identifica com os povos dessas nações. A África possui uma riqueza histórica, turística e cultural impressionante e que, em vários aspectos, tem tudo a ver com as do Brasil.

A nova lei que tornou obrigatório o ensino da história e culturas africanas nas escolas públicas brasileiras tem contribuído para pesquisas e renovações das bibliografias sobre o tema: edições e reedições de didáticos e infantis ocupam as prateleiras das livrarias. A África tem merecido atenção também em outros campos, ainda que por motivos diferentes: no ano passado foi tema de desfiles de moda e, recentemente nos blocos carnavalescos de carnaval de Salvador e de enredo de escolas de samba no Rio de Janeiro.

Uma observação necessária a esta história é a compreensão da sua amplitude. Falar em história da África é falar sobre a história humana. Afinal, foi de lá que surgiu o *Homo sapiens*, cerca de 160 mil anos atrás. Os verdadeiros “Adão” e “Eva” eram, pois, homens e mulheres africanos, de faces negroides. Os mesmos formaram os primeiros núcleos urbanos na Europa Mediterrânea, América, Ásia e Oceania - inclusive, portanto, no Brasil, como comprova a descoberta revolucionária do crânio de “Luzia”, em Minas Gerais, em 1975. Esse achado mostra que as primeiras populações humanas no Continente Americano eram negroides, provavelmente oriundas dos arquipélagos do Pacífico.

Quando se fala da civilização também a África foi pioneira. A importância do continente no mundo antigo é hoje inegável. Sobretudo a partir da ascendência civilizadora milenar do antigo Egito faraônico sob as civilizações que beiravam o Mediterrâneo, assim como influenciou interiormente a África.

É difícil resumir a amplitude desse fenômeno histórico. Refere-se, primordialmente, à influência que a cultura egípcia teve para expansão das artes, das ciências empíricas (matemática, geometria, biologia, astronomia etc.), do religioso.

E porque é importante noticiar, ler e falar mais sobre o Continente Africano? Porque, antes de tudo, como nos lembra o africanólogo Alberto da Costa Silva, “*quando se conhece melhor a África pode-se conhecer melhor o próprio Brasil, pois de lá veio grande parte dos nossos antepassados*”, também o Nina Rodrigues, no seu livro *Os Africanos no Brasil*, aconselhava que se conhecesse bem a África para entender o Brasil. E porque muitos dos episódios da história brasileira estiveram relacionados ao que ocorria no outro lado do atlântico. Não se trata de somente saber mais para agrado intelectual: compreender a história e as culturas africanas pode ser a diferença entre escolher e conviver versus recusar e discriminar.

No imaginário brasileiro, em escala percentual, há duas visões predominantes sobre o Continente Africano, nenhuma das quais exatamente real. A versão da National Geographic, com suas belas paisagens escarpadas e vida selvagem, e a versão do noticiário noturno, com seu recital sobre pobreza, surtos, corrupção e conflito étnico. Meramente utopia!

5. A ÁFRICA QUE O BRASIL VIU

5.1 Jornal Nacional

De janeiro de 2008 a dezembro de 2009 o principal telejornal brasileiro, o Jornal Nacional, teve a África como assunto, pelo menos, 27 vezes. Os temas abordados envolvem acidente, tragédias, surtos de doenças, eleições, conflitos civis, esporte e histórias dramáticas.

Em quase todas as reportagens, o elemento *drama* estava presente. Isto fica evidente com o uso frequente de personagens simples, que representam superação ou são vítimas de algum problema, de super closes em rostos emocionados, sofredores etc. além de iluminação especial, em algumas matérias. Este é um dos itens que compõem o Modo de Endereçamento do Jornal Nacional.

Ao levarmos em conta este conceito, entendemos ainda que o JN não só produz a notícia, mas orienta em relação ao receptor, majoritariamente do eixo Rio - São Paulo, onde a medição do Ibope, inclusive, é priorizada. Daí pode surgir a concepção de que o continente africano não é fonte de informação para o Brasil e de lá não sai notícia de interesse público, a não ser quando ocorre algo de aberração. É o modo de endereçamento que define grande parte da identificação do telespectador com o telejornal.

O único mês em que há predominância de temas relacionados ao desporto é junho de 2009, quando ocorreu a Copa das Confederações na África do Sul. Foram oito reportagens que tinham como assunto o futebol e suas implicações na economia e no turismo. Em uma delas, é mostrado o esquema de segurança, o efetivo policial que estavam sendo treinados para atirar e matar, que foi necessário montar para garantir a tranquilidade das seleções e torcidas estrangeiras.

Os dados de violência, pobreza e HIV do país foram lembrados. Nas demais, o evento aparece ligado a personagens das ruas e à assuntos como pobreza, histórias de apartheid e diversidade musical. Política, economia e comportamento são temáticas que não aparecem associadas à África. Em nosso levantamento, só apareceu uma reportagem que tratava de política - sobre a eleição na África do Sul, a posse do novo Presidente eleito – e nenhuma de

economia, cultura ou comportamento, enquanto o resto do continente ficou praticamente esquecido.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o telespectador do JN pôde ver, entre janeiro de 2008 e dezembro de 2009, a África como um continente onde há alto índice de pobreza, alta incidência de doenças e que sofre com falta de água potável. O que se pode concluir também é que há pouca participação da África no JN.

As notícias dos países da Europa, da Ásia e dos Estados Unidos da América parecem com maior frequência no telejornal. Apesar de a África ser o terceiro maior continente o fato poderia ser explicado, no caso da Europa, por exemplo, pela presença de uma correspondente fixa da Rede Globo naquele continente, enquanto na África não permanece nenhum correspondente.

Diante de tudo que foi mostrado acima, é possível concluir que para uma pauta sobre o continente africano ser inserida no espelho do JN precisa estar relacionada ao factual, mas não só isso, precisa ter uma carga dramática, um enredo, história de vida, ter elementos de tragédia, perigo, ou ameaça. A exceção, como já foi referido, é o mês de junho de 2009, quando há espaço para a cobertura da Copa das Confederações.

5.2 Jornal da Record

A Record se relaciona de maneira pouco distinta com a África. A rede possui correspondente próprio no continente com a residência em Johannesburgo, África do Sul, que fica encarregado de enviar notícias. O objetivo principal é fazer uma cobertura jornalística sem estereótipos e com perspectiva histórica sobre a região reconhecida como o berço da civilização. Produzindo reportagens especiais e exclusivas, com o intuito de destacar a diversidade étnico-cultural, a riqueza econômica, as políticas e os recursos naturais. Mas a questão que se faz é, será que, pela dimensão territorial do continente africano, um só correspondente daria conta de cobrir todo o continente?

Outra distinção presente entre o tratamento dado pelo JN e o JR à África, é em relação aos temas que entram nos jornais. Enquanto o telejornal da Globo aposta em pautas ligadas à conflitos ou incidência de doenças, o JR abre espaço não só para estes assuntos como também para o grotesco, e para a representação de “africanidade”, um modo de vida atribuído aos africanos constantemente pela mídia.

Com base no levantamento feito, a África apareceu em reportagens ou notas do Jornal da Record, nos anos analisados, 42 vezes, quase o dobro do número de aparições contabilizadas no JN, sendo que nestas últimas ocorrências de notas e de reportagens mais curtas é perceptivelmente superior. Chama atenção a quantidade de reportagens que falam de conflitos, de curiosidades e até mesmo coisas grotescas, como o caso da Manu Karsten que, na sua aventura, caminha com leopardo na selva da África.

O que se pode aferir desta análise, é que a preocupação em colocar uma reportagem da África no JR, acaba empobrecendo a qualidade das pautas. O que se observa, é que, em muitos casos, não basta ser um fato importante, precisa ser um fato que o telespectador de todo o Brasil espera que aconteça na África a exemplo de massacre em Conacri, capital da Guiné, ação dos piratas na costa somali e no Golfo de Aden.

5.3 Regime de Verdade e Discursos Hegemônicos

Percebe-se uma diferença no modo como a África é retratada tanto pelo JN quanto pelo JR em relação ao resto do mundo. Ao iniciarmos este trabalho, esperávamos encontrar uma predominância de reportagens com temáticas relacionadas à conflitos étnicos, à golpes militares, à pobreza, principalmente no telejornal da Globo.

Embora no período que compreende a Copa das Confederações ocorra uma concentração de matérias que ratificam valores e comportamentos atribuídos ao “africano” que está no imaginário dos “brasileiros”. A análise que fizemos é que estas representações estão diretamente ligadas a uma formação discursiva que sustenta um regime de verdade, como definido por Foucault.

A verdade não está fora do poder... A verdade... É produzida em função de múltiplas formas de construção. E induz efeito de poder. Cada sociedade tem seus regimes de verdade, suas 'políticas gerais' de verdade; isto é, os tipos de discurso que esta sociedade aceita e faz funcionar como verdadeiros os mecanismos e as instâncias que possibilitam que se diferenciem os enunciados verdadeiros dos falsos, os meios pelos quais se tem sancionado... o status daqueles que estão na posição de dizer o que é o verdadeiro. (FOUCAULT, 1980 *apud* HALL, 1997).

Ao historicizarmos estes discursos extraídos do JN e do JR, como propõe Foucault, podemos compreender melhor o porquê destas construções em torno do continente africano.

Entendemos que a linguagem e o discurso são um sistema de representação. A linguagem, no sentido semiótico, está ligada ao presente, à interpretação que se faz dos signos na contemporaneidade. Já o 'discurso' assume uma perspectiva histórica, que envolve relações de poder.

A África foi muito retratada na literatura, na música, no cinema e nas diversas manifestações culturais brasileiras pela sua ligação histórica com o Brasil. Porém, o que sempre apareceu foi *uma* África, a que mais encantava os turistas pela suas selvas e mundo animal, que mais chamava a atenção pela excentricidade. Estes valores e comportamentos atribuídos à África foram sendo perpetuados e alcançaram a TV, o principal veículo de comunicação de massa do Brasil.

Deste modo, não deveríamos ficar espantados por não encontrarmos sequer uma reportagem no JN em que a África, ou um dos seus países, o Egito, berço da civilização humana, representasse um comportamento humano. Nas notícias internacionais sobre hábitos de consumo, por exemplo, são normalmente exemplificadas com personagens que vivem no continente europeu ou nos Estados Unidos da América. A África que está no imaginário dos brasileiros é sustentado pelo regime de verdade sob (e sobre) o qual opera a Rede Globo parece não estar apto a representar um comportamento digno e referencial.

Preocupa-nos as formações discursivas construídas pelo JN sobre a África, justamente, pelo fato de este ser o telejornal mais visto do país. Os telejornais têm como principal trunfo a

credibilidade e desperta no seu público a ideia de que tudo o que diz é verdade. Logo o que só se fala da África é o que só acontece naquele continente, sem espaço para outras verdades. Se não bastasse isso, o JN é transmitido pela emissora mais assistida do Brasil e a quarta maior do mundo, com forte influência política e econômica. A Rede Globo está, juntamente com outras instâncias da sociedade, numa posição onde pode definir ou, pelo menos, sugerir o que é ou não verdade.

Seus discursos, e do sistema de televisão brasileiro como um todo, são capazes de produzir conhecimento e sentido.

O Brasil é um país que ainda tem a TV como principal fonte de informação. Isto, aliado à falta de ensino da história de África e afro-brasileiro no sistema educacional, cria uma forte dependência das classes menos favorecidas a estes veículos, principalmente como fonte de conhecimento. Esta situação dá a televisão brasileira, e principalmente a Globo, a oportunidade de criar e consolidar discursos hegemônicos. Hegemonia, aqui entendida, como o processo no qual há dominação através do consenso. Como destaca Raymond Williams, fazendo referência a Gramsci: “a situação mais normal é uma complexa combinação de forças políticas, sociais e culturais, e a “hegemonia”, de acordo com diferentes interpretações, é isso, ou as forças sociais e culturais ativas que são seus elementos necessários”. (Williams, 1979, p.75).

A mídia, sobretudo a televisão, construiu e ratificou ao longo das últimas décadas um conceito de africano e de África para os brasileiros. Entendemos que isto não passa de uma formação discursiva que sustenta um regime de verdade.

No entanto, nossa análise constatou uma mudança nas temáticas que envolvem a África, pelo menos, nos telejornais analisados. Seguindo a orientação de Foucault (2000) que propõe a contextualização do discurso, podemos aferir que esta mudança pode estar relacionada a transformações ocorridas no âmbito econômico, político e social. É um novo momento e nada mais natural que novas verdades, novos “regimes de verdade” comecem a surgir.

Na esfera econômica podemos destacar uma disputa que ocorre entre a África e o Brasil pela atração de turistas. Por ser carioca, um dos principais destinos turístico do mundo, a Globo sempre foi conhecida por priorizar o Rio de Janeiro, afinal, é o seu lugar de fala. Diante disso, a emissora sempre evidenciou as belezas naturais da capital fluminense e ajudou a impulsionar o setor turístico nacional. Nos últimos anos, a África apresentou expansão significativa na área e acirrou uma concorrência, sobretudo por causa da Copa do Mundo. A representação construída ao longo dos anos sobre o safári na África sempre foi o grande diferencial do continente. Talvez, por isso, haja a preocupação da emissora em desconstruir este discurso e mostrar que a África não é só *aquilo*, e passa por problemas muito piores com os enfrentados pelo Brasil: conflitos armados, epidemias, fome, pobreza extrema e, brevemente, os ataques dos piratas somalis aos navios estrangeiros no Golfo de Aden junto à costa de Somália. (o que não deixa de ser uma informação de interesse público, vale ressaltar). No entanto, esta é somente uma hipótese. (crescimento dos países africanos como parte dos de terceiro mundo)

Nas estruturas sociais, de fato, teve uma escalada da violência e de problemas de saúde como surtos de cólera, meningite e dengue. Esta realidade acaba forçando os veículos, sobretudo seus departamentos de jornalismo, a acompanharem a situação. Isto, aliado aos fatores citados acima, pode ter favorecido esta mudança no tratamento dado à África pelo Jornal Nacional e Jornal da Record.

Em relação ao Jornal da Record, podemos associar esta última hipótese e acrescentar outra: a de que o JN acaba interferindo nas decisões do JR. Ao ver o telejornal da Globo abordar um determinado assunto, a Record se sente praticamente obrigada a acompanhá-lo também, por uma questão de mercado. Daí vem a pergunta, qual a importância de ter um correspondente fixo no continente? Arrisco dizer que a decisão da rede Record em criar um "posto avançado" na África está mais ligada a questões mercadológicas e políticas do que à vontade de aprimorar o trabalho jornalístico. Na verdade, creio que a Record fez isso pra não perder a chance de ser pioneira afinal, mais cedo ou mais tarde alguém implantaria a mesma idéia.

6. CONCLUSÃO: A REPRESENTAÇÃO DA ÁFRICA

A televisão é um veículo de comunicação que possui um número muito elevado de público em relação às outras mídias. Por ser gratuito em TV aberta, o telejornalismo é a maneira que milhares de pessoas no Brasil têm para buscar informação diariamente sobre vários temas. Os telejornais emitem significados próprios do cenário cultural e social em que se dá. Ou seja, os temas abordados nos telejornais são caracterizados por terem forte interligação com as práticas ocorridas no cotidiano, do doméstico, do que as pessoas de casa vivenciam e querem ver. Portanto, é através do ‘olhar’ dos sujeitos e de suas práticas que vão fundamentar as estratégias dos discursos dos programas jornalísticos.

A notícia – combinação de um evento qualquer e o relato desse evento – possui uma disntância implícita entre o relatar de um evento e o relato desse evento, evidenciando as falhas desse processo. Essa dilatação “do que é notícia” ocorre cotidianamente na medida em que se busca “fazer notícia”.

O critério da objetividade necessita ser atualizado, na medida em que a própria noção do que é notícia requer uma seleção, hierarquização e posicionamento daquilo que, sob o ponto de vista do jornalista, deve ser relatado, superando uma visão ingênua que contrapunha objetividade com supressão da objetividade, do ponto de vista e da necessidade da seleção e hierarquia dos fatos.

O noticiário internacional, como não poderia ser diferente, sofre modificações devido a atuação das agências de serviço – que fornecem informações – e em consequência influencia o agir do jornalista que pode fechar a edição sem deslocamento às locais dos fatos. No entanto, o terceiro ator dessa tríade de mudanças, o telespetador, em casos de maior atenção, percebe a diferença de uma informação homogênea e objetiva daquela personalizada e imparcial.

Com o processo de globalização, o contato com diversas realidades, sempre mais acelerado, provoca uma mudança cultural, sendo este o “problema” inerente à época da informação. Segundo BECHELLONI (1995, p. 40), os media assumem uma importância e uma

centralidade cada vez maior dentro desse contexto, não apenas do ponto de vista da economia e de mercado, mas também da democracia e conhecimento:

Quanto mais um mundo social – uma sociedade ou suas características particulares – está sob a mira de uma máquina jornalística, mais facilmente esse mundo social se habitua a viver e a funcionar como se fosse em presença de um espelho – mais ou menos deformante – que reflete sobre si mesmo e para outros mundos sociais representações simbólicas da sua existência e do seu funcionamento (Bechelloni, 1995 p. 42).

No que reserva à delimitação do tema “África” nos telejornais brasileiros selecionados para a análise da presente monografia, Jornal Nacional e Jornal da Record, se constata, com raras exceções, uma inércia dos atores do processo de mediatização jornalística, principalmente em decorrência da presença das agências de serviço nas editoras, graças ao menos custo em relação a um enviado especial fixo; o telespetador local aparentemente desinteressado no tema, sem buscar mudar seu imaginário sobre o país; e, sobretudo o jornalista não apenas como profissional singular, mas como empresa que não vê a notícia naquilo que poderia ser noticiável.

É evidente que a nacionalidade do pesquisador diante da análise dos telejornais é substancial, visto que buscava por informações mais profundas e realistas sobre o continente africano. Não apenas as notícias de conflitos, de fome, de epidemias, aqui citados. Sem dúvida a realidade interna da África, e consequentemente sua imagem no exterior, é essa, jornalisticamente poderia ir além.

Os telejornais analisados, que seriam os atores potencialmente prontos a atuar na função informativa esclarecedora, devido a diversas razões – tais como velocidade do trabalho jornalístico, “valores notícia” que interessam sobretudo à emissora, telespetadores que buscam cada vez mais um argumento próximo às suas realidades sociais – não promovem a modificação no imaginário coletivo, marcado pelos estereótipos.

Atualmente, as notícias de caráter desportivo com a realização da Copa das Confederações e a chegada da Copa do Mundo da FIFA, têm dado um outro tipo de visibilidade ao continente, neste caso à África do Sul, país sede destes eventos, nunca visto antes. No

entanto, permanece sempre a superficialidade das informações uma vez que não interfere na dinâmica dos acontecimentos africanos. Não são mostradas as potencialidades do mercado africano, da organização, da cultura, do comportamento exemplar, etc. As notícias evitam uma contextualização atual do continente que possui larga possibilidade de expansão.

Pôde-se verificar no Jornal Nacional, no total das 27 notícias veiculadas, 10 com tratamento neutro; 5 com tratamento favorável; 4 com tratamento descontextualizado e 8 com tratamento desfavorável. Já no Jornal da Record, do total de 42 matérias analisadas, 13 tiveram tratamento neutro, 14 tratamento favorável; 6 tratamento descontextualizado e 9 tratamento desfavorável. Essa classificação dos tratamentos das notícias partiu da observação do pesquisador que, com base à coerência do reflexo da atual realidade africana diante do mundo, classificou as matérias com base ao aprofundamento ou não do tema.

A partir da presente análise, pode-se afirmar que o telejornalismo brasileiro – em específico as emissoras destacadas “Rede Globo” e “Rede Record” – no que diz respeito às informações sobre o continente africano segue critérios de noticiabilidade pré-definidos onde, os tipos de evento, de público-alvo e, porque não, de concorrência entre editorias internacionais, colocam a temática em uma posição sub-valorizada na medida em que as informações são escassas e superficiais.

É compreensível, e válido ressaltar, que a maioria da população brasileira não tem conhecimento suficiente no sentido de realizar uma leitura crítica dos conteúdos específicos sobre um determinado país. Segundo Bechelloni, cabe ao jornalista a responsabilidade de entender e de relatar aquilo que consegue observar já que, “quanto mais vezes e em melhor modo o jornalista consegue ver e entender, tanto mais uma sociedade conseguirá preparar-se diante dessa mudança, buscando não extraviar-se na passagem de uma velha e uma nova identidade” (Bechelloni, 1995 p. 50).

O que é noticiado no Brasil é, em certa medida, fruto de um ideal brasileiro cristalizado e, ao mesmo tempo, baseado na experiência natural do senso comum na medida em que existe um preconceito do imaginário do que seja o continente africano. Pela análise das notícias veiculadas sobre a África nestes dois telejornais pode-se afirmar falta de interesse em superar o desconhecido e aprofundar-se em informações sobre as particularidades de uma

outra cultura e que, por enquanto, permanece uma visão eurocêntrica, cristalizada em torno de estereótipos como miséria, selva e conflitos.

Analisando os discursos proferidos pelos telejornais observados, através da perspectiva de Stuart Hall, a representação significa uma parte essencial do processo mediante o qual se produz sentidos que são compartilhados entre os membros de uma cultura (HALL, 2002). Desse modo, os telejornais de rede: Jornal Nacional e Jornal da Record trataram o continente africano a partir de informações que são compartilhadas pela Europa e América, fazendo com que a África seja reconhecida através desses elementos e signos que foram construídos e disseminados ao longo do tempo no imaginário europeu.

O JN mesmo tendo como uma de suas estratégias a construção da imagem “do africano” e da identidade africana, as matérias que abordam assuntos relacionados aos países da África, possuem um discurso que caracteriza seu lugar de fala, ou seja, o local de onde a emissora se constituiu - no eixo Rio / São Paulo. Os discursos que são emitidos por esse programa em específico mostram a visão que esse eixo do país tem do continente africano. De acordo com Foucault, a formação discursiva é um conjunto de referências unificadas em torno de um mesmo objeto e estilo que sustenta uma estratégia, um padrão institucional. Portanto, o que vai caracterizar as estratégias empregadas pelo Jornal de maior audiência da Rede Globo é o seu contexto social, histórico e até mesmo o geográfico.

O Jornal da Record traz como característica principal em suas abordagens sobre o continente africano, muito mais forte, a estratégia mercadológica. Talvez por possuir um correspondente neste continente, ela apresenta temas mais diversificados. Porém, esse telejornal usa a representação da África como algo que já está no imaginário da população brasileira. As matérias veiculadas não mostram nada de diferente, além do que o brasileiro está acostumado a ver sobre a África.

Ainda utilizando o conceito de representação de Hall, esta se dá através do uso que os sujeitos fazem da linguagem que é socialmente construída. “A relação entre as coisas, conceitos e signos está no coração da produção de sentido dentro de uma linguagem. O processo que vincula estes três elementos e os converte num conjunto é o que denominamos representações” (HALL, 2002).

Uma interpretação possível que podemos tirar da representação sobre a África é de que mesmo com as diversas reportagens que retratam o caos – como conflitos étnicos, corrupção nos governos, pobreza, proliferação das doenças e alto índice de AIDS, entre outros – os brasileiros pensam que o continente ainda é um lugar ferino e excelente para safári com um povo antiquado, alegre e receptivo o tempo todo. Ou seja, ainda operam sob a influência de um discurso hegemônico estabelecido há décadas.

Pode haver neste caso uma decodificação dentro da versão negociada que “contém uma mistura de elementos de adaptação e oposição: reconhece a legitimidade das instituições hegemônicas para produzir as grandes significações... ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado), faz suas próprias regras – funciona como as exceções à regra” (HALL, 2003).

Por fim, foi reafirmada a necessidade de novas reflexões e estudos sobre o tema, objetivando evitar que o telejornalismo continue a contribuir para a disseminação de ideias simplistas sobre o continente africano, base do preconceito e discriminação.

BIBLIOGRAFIAS

BECELLONI, Giovanni. **Giornalismo e postgiornalismo**. Napoli: Ligouri, 1995.

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Cap. 1, p. 7-13.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

COUTINHO, Iluska. **A busca por critérios editoriais em telejornalismo**. Núcleo de Jornalismo, XXVI Congresso Anual em Ciências da Comunicação, Belo Horizonte/MG, set. /2002.

COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo no Brasil**. Núcleo de Jornalismo, XXVI Congresso Anual em Ciências da Comunicação - Intercom, Belo Horizonte/MG, set. /2003.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record: 2000

GOMES, Itania Maria Mota et alii. **“Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão”**. Trabalho apresentado ao NP 07 – Comunicação Audiovisual, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Rio de Janeiro, 2005;

GOMES, Itania. **Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós, abril/2007.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Editora Alínea, 2003.

HALL, Stuart. “Codificação e Decodificação” [1973]. In SOVIK, Liv (Org). **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**, Belo Horizonte, Editora UFMG, Brasília, Representação da Unesco no Brasil, 2003, 387-404

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LUBISCO, N.; VIEIRA, S. **Manual de estilo acadêmico**. 2ed. Salvador: Edufba, 2003.

MATOS, Heloiza (Org.). **Mídia, Eleições e Democracia**. São Paulo: Página Aberta Ltda, 1994

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV. Rio de Janeiro**: Campus, 1999.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil – um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org). **Idade Mídia**. Salvador: Edufba, 1995

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. **Aprender Telejornalismo – produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis. Editora Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Usiminas, 2001.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Pesquisa eletrônica

Web sites:

JORNAL NACIONAL: banco de dados. Disponível em: <[http:// www.globo.com/ jornal nacional](http://www.globo.com/jornal_nacional)>. Acesso: 9 a 17 nov. 2009.

Presidência da República, Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Rede Globo de Televisão - <http://www.globo.com>

REDE GLOBO, Jornal Nacional – gravação das edições do dia 16/04 a 21/04/2007. Rio de Janeiro: TV Globo, 2007. DVD (240 min.), estéreo.

REDE GLOBO. Perfil do noticiário Jornal Nacional. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://jornalnacional.globo.com/>>. Acessado em: 11 nov. 2006.

Rede Record de Televisão - <http://www.rederecord.com.br>

REDE RECORD, Jornal da Record – gravação das edições do dia 16/04 a 21/04/2007. São Paulo: TV Record, 2007. DVD (360 min.), estéreo.

REDE RECORD. Comunicado oficial sobre o novo Jornal da Record que estreou no dia 30 de janeiro de 2006. São Paulo. Disponível em: <www.rederecord.com.br>. Acessado em: 11 nov. 2006.

REDE RECORD. Perfil do noticiário Jornal da Record. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.rederecord.com.br/fra_meset.asp?prog=5>. Acessado em: 11 nov. 2006.

TELE HISTÓRIA. História do Jornal da Record da TV Record. São Paulo. Disponível em: <[http://www.telehistoria.com.br/ canais/jornalisticos/record/jornaldarecord.htm](http://www.telehistoria.com.br/canais/jornalisticos/record/jornaldarecord.htm)>. Acessado em: 11 nov. 2006.

TELE HISTÓRIA. História do Jornal Nacional da TV Globo. São Paulo. Disponível em: <<http://www.telehistoria.com.br/canais/jornalisticos/globo/jornalnacional.htm>>. Acessado em: 11 nov. 2006.

WIKIPÉDIA. Brasil. São Paulo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>>. Acessado em: 13 mai. 2007.